

Novos documentos sobre a controvérsia de Sor Juana Inés de la Cruz e o padre António Vieira

Luisa Trias Folch
Universidad de Granada
ltrias@ugr.es

Data de recepção do artigo: 09-02-2011

Data de aceitação do artigo: 06-06-2011

Resumo

Novos manuscritos oferecem a possibilidade de estabelecer relações entre o processo Inquisitorial de Vieira em Espanha e a famosa controvérsia da *Carta Atenagórica* de Sor Juana Inés de la Cruz no México. Vamos tratar aqui do sermão, directamente relacionado com a Sentença Inquisitorial de Vieira, intitulado *El Juicio* de 1679, obra do trinitário espanhol Fr. Manuel de Guerra y Ribera (1638-1692). O padre fray Manuel de Guerra y Ribera era o porta-voz ideológico do ambicioso D. Juan José de Austria (1629-1679), filho natural de Felipe IV e inimigo obstinado do jesuíta austríaco Everardo Nithard, confessor e poderoso valido da rainha regente Mariana de Áustria, mãe do futuro rei de Espanha, Carlos II. Este sermão possivelmente chegou ao México, onde a Companhia de Jesus era poderosa. São de interesse as referências a este sermão e ao seu autor na *Carta de Serafina de Cristo*, escrita no México no dia primeiro de Fevereiro de 1691, carta irónica e satírica que participa na chamada *guerra das finezas*.

Palavras-chave: P. António Vieira – Sor Juana Inés de la Cruz – Fr. Manuel de Guerra y Ribera – *Carta Athenagórica* – *Carta de Serafina de Cristo* – O púlpito como debate político no século XVII.

Abstract

New manuscripts offer the possibility of establishing a relationship between Vieira's Inquisitorial process, in Spain and the famous controversy that involves Sor Juana de la Cruz's *Carta Atenagórica* (Letter Worthy of Athena). Here, we are especially focused on the sermon, directly related to Vieira's Inquisitorial Judgement, called *El Juicio de 1679*, the work of the Trinitarian Spanish Friar Manuel de Guerra y Ribera (1638-92). The priest, Fray Manuel de Guerra y Ribera, was the

ideological spokesman of the ambitious D. Juan José de Austria (1629-1679), natural son of Philip IV and the stubborn enemy of Everardo Nithard, the Austrian Jesuit, «favourite» and confessor of the Queen regent, Mariana of Austria, mother of the future King of Spain, Charles II. This sermon possibly arrived in Mexico, where de Society of Jesus was very powerful. The references to this sermon and to his author are relevant in *Carta de Serafina de Cristo*, written in Mexico on the 1st February, 1691, an ironic and satirical letter that is included in «La Guerra de las finezas».

Palavras-chave: Father António Vieira – Sor Juana Inés de la Cruz – Friar Manuel de Guerra y Ribera – *Carta Athenagórica* (Letter Worthy of Athena) – *Carta de Serafina de Cristo* – The pulpit as a place of political debate in the 17th century

No século XVII, as relações entre Espanha e o México foram, sem dúvida, muito estreitas. Mas, até agora, não se tinha estabelecido qualquer relação entre o processo inquisitorial de Vieira em Espanha e a famosa controvérsia da *Carta Atenagórica* de Sor Juana Inés de la Cruz no México. A descoberta de novos manuscritos sobre a polémica que provocou a *Carta Atenagórica* mostra como duas das personalidades mais extraordinárias das literaturas hispânicas do século XVII, o padre António Vieira e Sor Juana Inés de la Cruz, foram utilizadas, tanto para atacar, como para defender a Companhia de Jesus.

O padre António Vieira era admirado na Espanha do século XVII pelos seus sermões que, como é sabido, tiveram uma grande difusão em língua espanhola. Mas era também «famoso» pelo seu processo inquisitorial em Coimbra. Uma figura de tanta importância foi utilizada nas polémicas entre ordens religiosas rivais: jesuítas e dominicanos. Como afirma Enrique Martínez López: «del proceso inquisitorial de Vieira la sentencia y otros papeles se divulgaron, dando lugar a que en España se le utilizara como arma con la que, alternativamente, desprestigiar a la Compañía de Jesús o defenderla de la hostilidad de los dominicos y de ataques de índole política». (1979: 204)

As obras que com este tema circularam em Espanha, impressas e manuscritas, são de dois tipos. Por um lado, um sermão e, por outro, três libelos satíricos em forma de cartas assinadas sob pseudónimos. Não vamos falar destes libelos entre jesuítas e dominicanos por terem sido já estudados, pormenorizadamente, por Enrique Martínez López. (1979: 203-235) Tais libelos provocaram a famosa *Carta Apologética* de Vieira,

escrita em língua espanhola no ano de 1683, dirigida ao Padre Provincial dos Jesuítas na Andaluzia. (Vieira 1971: 757-813) É muito possível que a causa destes libelos a favor e contra Vieira, que então se encontrava no Brasil, estivesse relacionada com a afronta contra o jesuíta que teve lugar em Coimbra, no Outono de 1681: um grupo de estudantes da Universidade promoveu um auto de fé contra Vieira, para assim comemorar a total restauração de poderes da Inquisição, que tinham sido questionados pelas queixas do jesuíta, durante a sua estada em Roma. A notícia desta queima em efígie de Vieira chegou a Espanha e até ao México, onde, nos últimos dias de 1682 ou princípios de 1683, a Universidade, como reparação desta afronta, dedicou a Vieira umas conclusões teológicas. (Vieira 1971: 476-477)

Durante o século XVII, o México, vice-reinado de Espanha, também chamado «Nueva España», floresceu na arquitetura barroca e especialmente nas letras, cuja figura máxima foi Sor Juana Inés de la Cruz. «A Décima Musa» continua a ser insuperável pela universalidade dos seus pensamentos, a celebridade do seu engenho, a correcção da sua prosa e a magistralidade da sua poesia.

Vamos tratar aqui de um sermão directamente relacionado com a Sentença Inquisitorial de Vieira: o sermão intitulado *El Juicio*, de 1679, obra do trinitário espanhol Frei Manuel de Guerra y Ribera (1638-1692), brilhante pregador de Sua Majestade, Carlos II, desde 1676. Guerra, sem dúvida, informado de que, em 1667, os inquisidores de Coimbra tinham condenado alguns parágrafos do *Sermão da Segunda Domingo de Advento* (1650), de Vieira¹, dedicou o seu sermão a impugná-lo também.

A matéria do sermão da *Segunda Domingo do Advento*, de Vieira, é a seguinte: «que o juízo dos homens é mais temeroso que o juízo de Deus».

Segundo a Sentença de Vieira, lida em Coimbra, em 1667, entre muitas outras coisas, fazia-se referência concreta ao *Sermão da Segunda Domingo de Advento* (1650), de Vieira, com estas palavras:

E finalmente, as palavras de que usou no sermão da Segunda Domingo do Advento eram escandalosas, erróneas e ainda *sapiestes haeresim*; porque directa e formalmente se opunham à doutrina que Cristo deu a seus discípulos, como consta do Evangelho de S. Lucas, Cap. XII: *Dico autem vobis, amicis meis: Ne terre amini ab his qui occidunt corpus, et*

¹ Traduzido para espanhol em *Sermones Varios, parte segunda* (Madrid, Pablo de Val, 1664).

post non habent amplius quid faciant (Luc. XII-4)². Além de que nas sagradas Letras não se encomenda o temor dos homens, encomenda-se aliás o de Deus por muitas vezes; e sobre isto podiam as palavras dele, réu, dar ocasião a que os homens mais insolentes, assim como puderam não temer ser castigados pelos homens e culpados pelos ministros da Igreja, conforme a qualidade de suas culpas, muito menos temam o juízo e o castigo de Deus. (Vieira 1952: 232)

O padre da Ordem Hospitalar da Santíssima Trindade Frei Manuel de Guerra y Ribera, no seu sermão *El Juicio*, trata de demonstrar a hipótese oposta à de Vieira sobre o juízo humano e o divino, seguindo a sentença inquisitorial de Vieira:

El Norte del Evangelio es la descripción del Juicio. [...] Mi oración, pues, se ha de reducir a pintar este Juicio, como lo concibe mi temor y mi pasión, en dos Puntos. El primero, será cuan poco es de temer el juicio humano. El segundo, será que es el Juicio Divino tan estrecho, que aun por las razones, que he propuesto de amable, viene a salir mucho más terrible[...]

E continua com uma referência indirecta a Vieira, concordando com a Sentença Inquisitorial:

Algunos vistosos Ingenios han pretendido hacer más horrible al juicio humano, que al Divino. [...] Quiero primero convencer al Autor. O quien escribe, que es más de temer el juicio humano, que el Divino, lo siente como lo escribe, o no? Si no lo siente, es mentiroso; si lo siente, poco Christiano. Por un lado cae en un engaño muy feo, por otro se roza en un assenso muy torcido. [...] Temer más el Juicio humano, que el Divino, es flaqueza con achaques de idolatría. (Guerra y Ribera 1734: 109-110)³

O púlpito na Espanha do século XVII foi objecto e instrumento de luta entre facções nobiliárias. Os pregadores tiveram que tomar partido durante aquelas circunstâncias críticas, nas quais se vislumbra uma troca na cúpula do Governo. O modo de utilizar o púlpito para participar no combate político originou polémicas entre diversos autores.

Uma amostra deste processo foram os factos acontecidos em 1675 e 1676, quando se tentou derrubar o governo da rainha Mariana de Áustria, viúva de Felipe IV. Durante a regência, a rainha Mariana não

² Trad. Luc. XII-4 «A vós outros, amigo meus, vos digo: não tenhais medo daqueles que matam o corpo e depois disto não têm mais que fazer».

³ Cita-se pela segunda edição de 1734; a primeira é de 1679.

só tinha concedido a direcção do governo, entre 1667 e 1669, a um jesuíta – o padre Everardo Nithard⁴ –, mas também tinha dado grande apoio material à Companhia de Jesus, financiando as suas iniciativas de várias formas, desde a construção de edifícios para o ensino universitário até à ajuda económica para as missões nas remotas ilhas do Pacífico. Mariana era valorada como «madre amantíssima» pelos padres da Companhia.

O padre Frei Manuel de Guerra y Ribera era o porta-voz ideológico do ambicioso D. Juan José de Áustria (1629-79), filho natural de Felipe IV e inimigo obstinado do jesuíta austríaco Everardo Nithard, que era o confessor e poderoso aliado da rainha regente Mariana de Áustria, mãe do futuro rei de Espanha, Carlos II.

De facto, Guerra, um dos principais panegiristas de D. Juan, defendeu nos seus sermões e escritos o carácter providencial deste, até ao extremo de identificá-lo com os profetas bíblicos. A apoteose da mitificação de D. Juan José de Áustria teve lugar na Capela do Paço do Arcebispado de Zaragoza, onde tinha a sua residência D. Juan durante o seu vice-reinado em Aragão. Em 1670 e 1671, Manuel de Guerra pregou nesta Capela uns exaltados sermões que glorificavam a trajectória e o destino de D. Juan. Alguns destes sermões foram impressos em Saragoça em 1671, embora também tenham circulado manuscritos na corte régia. No dia 26 de Julho de 1675, o trinitário Manuel de Guerra y Ribera não hesitou, no púlpito, em aconselhar à rainha um pacto com D. Juan (Soria Ortega 1991).

Depois de conquistar o poder em Janeiro de 1677, D. Juan José de Áustria considerou uma das suas prioridades agir contra o poder dos jesuítas. Os jesuítas, fiéis à rainha e ao seu conselheiro, voltaram-se contra D. Juan, que, em 1678, prometeu expulsá-los. Nithard (Vieira 1971: 555)⁵, queimado em efígie (1669), como logo o seria Vieira, por estudantes dependentes do príncipe, e o facto de D. Juan José de Áustria, pouco depois, impor a renúncia do protegido da rainha, foram acontecimentos que tornaram mais violenta ainda a relação entre os jesuítas e Guerra. O trinitário possivelmente escolheu Vieira para criticá-lo por ser o pregador mais destacado da Companhia, e talvez para dar

⁴ Eclesiástico alemão da Companhia de Jesus (1607-81), valido da rainha regente, D. Mariana de Áustria, foi nomeado, em 1666, Inquisidor Geral e membro do Conselho da Regência. Expulso por D. Juan José de Austria em 1669, foi embaixador de Espanha em Roma.

⁵ Vieira conheceu Nithard em 1670-73, quando ambos, como exilados políticos, se hospedavam no Colégio dos jesuítas de Roma.

ao príncipe o prazer de ver atacado um grande defensor da Restauração lusitana, já que, entre 1661 e 1664, D. Juan tentou, sem êxito, reconquistar Portugal, sendo objecto de chacota pela sua incompetência militar.

A notícia da utilização do processo inquisitorial de Vieira em Espanha, feita pelo trinitário Manuel de Guerra y Ribera, parece que chegou ao México, onde a Companhia de Jesus era poderosa.

Las Trampas de la fe de Octavio Paz(1982), nos inícios da década dos 80 do século XX, e a descoberta, por Aureliano Tapia Méndez, numa Biblioteca de Monterrey, da *Carta al Padre Núñez*⁶, de 1681, na qual Sor Juana decide acabar as suas relações com aquele que tinha sido seu confessor desde 1667, têm feito renascer um grande interesse pela freira mexicana e pela sua obra.

Recentemente foram descobertos novos documentos sobre a famosa polémica, também chamada “guerra das finezas”, provocada pela *Carta Atenagórica*. Vamos citá-los, por uma questão meramente prática, pela data em que foram escritos e não por aquela em que foram encontrados.

1. *Defensa del Sermón del Mandato del padre Antonio Vieira*, assinada por don Pedro Muñoz de Castro, em 9 de Janeiro de 1691, na qual, apesar de ser uma defesa de Vieira, este trata com a maior elegância Sor Juana Inés de la Cruz. (Este documento foi achado por José Antonio Rodríguez Garrido na Biblioteca Nacional do Peru, em 2004).

2. Ricardo Camarena (1995: 283-306)⁷ estudou um processo inquisitorial que condenava Francisco Javier Palavicino da Companhia de Jesus como herege, por causa do sermão que pregou, em 26 de Janeiro de 1691, no convento das freiras Jerónimas, intitulado *La fineza mayor*, onde exaltava a freira mexicana pela sua grande habilidade para a argumentação teológica.

⁶ O jesuíta Antonio Nuñez de Miranda foi confessor de Sor Juana desde 1667. Em 1681, sor Juana decide terminar as suas relações com o seu confessor com o seguinte escrito: *Carta de la Madre Juana Inés de la Cruz escrita al R.P.M. Antonio Núñez de la Compañía de Jesus*, conhecida também como *Autodefensa espiritual* ou *Carta de Monterrey*.

⁷ Ricardo Camarena estudou um processo do Santo Ofício contra o jesuíta Francisco Javier Palavicino, autor do sermão intitulado *La fineza mayor, panegírico dedicado a los gloriosos natalicios de la Ilustrísima y Santísima Matrona Paula, fundadora de dos Ilustrísimas religiones, que debajo de la nomenclatura del Máximo Gerónimo militan, María de Benavides, Vda. De Juan Ribera, México*.

É importante assinalar que do sermão de Palavicino se pode deduzir que, em tempos de Sor Juana, houve um impugnador anónimo e feroz da *Carta Atenagórica*: Palavicino nega expressamente ser ele o autor deste libelo tão agressivo e trata o autor encoberto como «un Soldado».

3. *Carta de Sor Serafina de Cristo* (1988: 182-193)⁸, escrita no dia primeiro de Fevereiro de 1691. Este documento (publicado por Elías Trabulse, em 1995) provocou uma intensa polémica, por ser atribuído por Trabulse a Sor Juana; Antonio Alatorre y Marta Lilia Tenório (1988) não concordam com esta hipótese. Trata-se de uma carta lúdica sobre o debatido tema “das finezas” (será fina?), mas também irónica e burlesca, capaz de pôr em ridículo outros destinatários além do padre António Vieira. Sor Serafina, que diz ser freira Jerónima, também faz referência àquele libelo agressivo do «Soldado».

4. *Discurso apologético en respuesta a la Fe de erratas que sacó un Soldado sobre la Carta atenagórica de la madre Juana Inés de la Cruz*, com data de 19 de Fevereiro de 1691, de autor anónimo. Alatorre (2005: 67-96) chama a ele «Incógnito» e afirma que poderia tratar-se de um eclesiástico espanhol muito douto. (Este documento também foi descoberto por José Antonio Rodríguez Garrido na Biblioteca Nacional do Peru).

Pensamos que tanto o *Discurso apologético* como a *Carta de Serafina de Cristo* tratam de averiguar a identidade deste «Soldado» e introduzem a *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz* de Sor Juana, no primeiro dia de Março de 1691, documento, aliás, que se pode entender como defesa, alegação, confissão, autobiografia e exposição do seu pensamento. E pelas referências na *Carta de Serafina de Cristo* (de 1 de Fevereiro) e na própria *Respuesta a Sor Filotea* de sor Juana (de 1 de Março de 1691) pode-se deduzir que a agressão do «Soldado» foi escrita nos primeiros dias de Janeiro de 1691.

Em resumo, entre a *Carta Atenagórica*, publicada nos últimos dias de Novembro de 1690, e a *Respuesta a Sor Filotea* de Sor Juana, assinada no primeiro dia de Março de 1691, isto é, durante um pequeno

⁸ O título da Carta é o seguinte: «Carta que habiendo visto la Athenagórica que con tanto acierto dio a la estampa Sor Philotea de la Cruz del Convento de la Santísima Trinidad de la Ciudad de los Ángeles, escribía Seraphina de Cristo en el Convento de N. P. S. Gerónimo de México».

período de tempo, foram escritos, que se conheçam, quatro⁹ documentos sobre esta polémica, sem contar o escrito do famoso «Soldado», que se pode reconstruir, em parte, pelas múltiplas referências que a ele se encontram no *Discurso apologético*.

Depois desta exposição, a pergunta é a seguinte: que motivos poderia haver e quem poderia estar interessado em provocar tamanha polémica? Segundo a leitura de Trabulse, o «Soldado» não poderia ser outro senão o antigo confessor de Sor Juana, o padre António Nuñez de Miranda da Companhia de Jesus, ordem religiosa que considerava os seus membros como soldados de Cristo; por outras palavras, na *Carta Atenagórica* «ocultava-se» uma crítica ao próprio Núñez de Miranda, seu antigo confessor, sempre crítico e hostil a suas actividades literárias, e com ele o misógino inimigo do teatro, das diversões e das letras profanas, o poderoso jesuíta arcebispo Aguiar y Seijas¹⁰.

Precisamente, Sor Juana foi criticada pelas suas obras profanas, mas foi a sua única carta teológica que provocou mais escândalo. Este facto foi considerado uma total subversão dos cânones religiosos pela sua condição de mulher, freira e escritora, diante da hierarquia eclesiástica, a quem estava reservada a máxima ocupação religiosa: a teologia.

Os especialistas, em geral, concordam em que as críticas de Sor Juana ao sermão sobre as finezas de Cristo de Vieira são dirigidas unicamente à dialéctica: aquilo que discute e combate é a argumentação de Vieira, mas aceita o seu estilo, já que ambos possuem em comum a mesma agudeza. Por outras palavras, a *Carta Atenagórica* foi para Sor Juana Inés de la Cruz uma maneira de demonstrar que, apesar de ser mulher e freira, podia manter uma disputa teológica com um contemporâneo seu e escritor de fama gigantesca como o padre António Vieira, por quem, com certeza, tinha grande admiração.

⁹É preciso não esquecer que, nos últimos dias de 1692 ou nos primeiros de 1693, Sor Juana escreveu os *Enigmas a la Casa del Placer*. Trata-se de 20 poemas manuscritos que sor Juana enviou às freiras e poetas portuguesas, a instâncias da sua mecenas, María Luisa Manrique de Lara, condessa de Paredes, marquesa de la Laguna. Este manuscrito foi descoberto por Enrique Martínez López na Biblioteca Nacional de Lisboa na década de 60, e cuja edição crítica, obra de Alatorre, apareceu em 1994.

¹⁰Aguiar y Seijas era um admirador de Vieira. Além dos tomos de sermões publicados em Madrid, apareceram no México, em 1683, umas *Conclusiones a toda la teología* que a Real e Pontifícia Universidade do México dedicava a Vieira, seguramente por sugestão de Aguiar y Seijas, que acabava de ocupar o arcebispado do México. Em 1685, publicou-se de Vieira, também no México, o *Heráclito defendido* (por la Viuda de Rodríguez Lupercio).

De toda esta nova documentação interessa-nos, em primeiro lugar, a *Carta de Serafina de Cristo*, pelas referências ao padre Manuel de Guerra y Ribera. A *Carta* começa com uma comparação entre a beleza já passada de D. Maria de Ataíde (pela qual Vieira, como é sabido, pregou um sermão nas suas exéquias) e a fama de Vieira, que também, segundo a suposta freira, se estava a acabar; para, a seguir, afirmar: «Lo cierto es que en la siempre floridísima vega de los ingenios nunca pudo ciprés difunto sino siempre viva, y aun inmortal, la gloria de su fama». É preciso lembrar que em Espanha se chegou a pensar que Vieira tinha sido queimado pela Inquisição.

Imediatamente faz referência ao «Soldado» com estas palavras: «Dícenme que ha salido no sé qué *soldado castellano* a la demanda del valentísimo Portugués, o por mejor decir, me dicen que no ha salido». E, como se estivesse a manter um diálogo com alguém que conhece a identidade do «Soldado», prossegue:

Díjele entonces que me parecía muy bien el Juicio/ de no parecer; que se quedase el buen soldado en/ paz, o que se fuera a Guerra, que a mano está/ la Cuaresma, donde hallaría bien en que batallar/ y que allí Viera un Juicio de Dios contra el suyo,/ y Viera y Viera sin duda, allí, a Guerra galana lo/ bastante para no salir con la suya a Guerra viva.

Nesta *Carta de Sor Serafina* encontra-se a seguinte nota na primeira vez que aparece a palavra «Guerra»:

El Rmo. P. fray Manuel de Guerra en su serm(ón) del primer lunes de Cuaresma. Tomo. 1 impugna el Serm(ón) de la D(omé)n(i)ca 2 de Adviento. T. 2 del Rmo. P. Vieira, donde ingeniosísimo como siempre persuade *que el Juicio de los hombres es más temeroso que el Juicio de Dios.* (AA.VV. 1988:192)

A *Carta de Sor Serafina* está cheia de enigmas difíceis de decifrar, mas é evidente que a suposta Sor Serafina conhecia perfeitamente a polémica entre o padre Guerra e a Companhia de Jesus, que além da crítica ao sermão de Vieira em 1679, continuava com o tema da «licitude moral do teatro».

Depois da morte de D. Juan José de Áustria, o padre Guerra, parece que por influência de Calderón de la Barca, foi pregador do rei Carlos II. Foi famoso pela sua defesa das comédias e das representações teatrais na sua *Aprobación da Verdadera quinta parte de las comedias de don Pedro Calderón de la Barca*, em Madrid, Francisco Sanz, 1682 (García Lorenzo 1995: 60-71), que provocou uma reacção muito

violenta por parte dos jesuítas, que centraram o debate no plano filosófico e teológico, chegando inclusive a pôr em dúvida a ortodoxia do autor.

Também é interessante destacar que Sor Serafina põe em dúvida que o *Sermão do Mandato*, objecto da *Carta Atenagórica*, seja da autoria do «ingeniosísimo y casi divino P. Vieira». Como é sabido na «Lista» crítica das edições dos seus sermões, publicada no primeiro volume da *editio princeps* portuguesa de 1679, Vieira, além de indicar os sermões a ele erroneamente atribuídos e deformados nas edições espanholas de 1662 e 1664, cita ainda outro volume que andava com o título de *Terceyra Parte*, Madrid 1678. Na página 100 deste volume encontra-se um *Sermón del Mandato*, que considera alheio, e na página 119 outro *Sermon del Mandato* que reconhece como próprio, do qual, juntamente com outros quatro, diz: «Estes cinco sermões, & com mays razão tres delles, se poderão tambien contar entre os alheyos, pela notavel corrupção (que em algum se ve foi industria) com que saem deformados». (Vieira: 1679) Pudemos comprovar que o *Sermón del Mandato* que Vieira reconhece como próprio, embora corrompido, se encontra no Volume III, publicado a expensas de Gabriel de León, em Madrid, em 1678, e que coincide com a leitura da *Carta Athenagórica* (Vieira 1678: 119).

Esta nossa tese é confirmada no *Discurso apologético en respuesta a la Fe de erratas que sacó un Soldado sobre la Carta atenagórica de la madre Juana Inés de la Cruz*, de 19 de Fevereiro de 1691, de autor anónimo, que diz textualmente: «el Sermón del Mandato que leyó sor Juana se hallará en el Tomo III de Sus Obras, folio 119, aunque en esto hay variedad de opiniones [...]» (Alatorre 2005: 77).

Este dado pode ajudar a compreender o facto de que a *Carta Athenagórica* fosse não só uma controvérsia teológica, mas também um texto polémico. Os dois primeiros tomos da coleção de sermões de Vieira em Espanha, a expensas de Gabriel de León, publicados em 1678, eram dedicados a Aguiar y Seijas, então bispo de Michoacán. O padre António Vieira era admirado em Espanha e no México. Segundo a tese de Octavio Paz, a rivalidade entre Fernández de Santa Cruz e Aguiar y Seijas consistia em que ambos pretendiam o lugar que frei Payo Enríquez de Rivera, amigo de Sor Juana, deixava vago: o arcebispado do México. O bispado de Puebla de los Angeles era o mais importante da «Nueva España» abaixo apenas do da cidade do México, mas Aguiar y Seijas tinha o apoio dos jesuítas e foi nomeado arcebispo da cidade do México.

Em consequência, podemos perguntar: a *Carta Atenagórica* foi utilizada como crítica contra a Companhia de Jesus? Sor Juana foi um instrumento de Fernández de Santa Cruz contra Aguiar y Seijas? Sabemos que Aguiar y Seijas era um admirador de Vieira. Além dos dois tomos de sermões publicados em Madrid, apareceram no México, em 1683, umas *Conclusiones a toda la teología*, que a Real e Pontifícia Universidade do México dedicou a Vieira, quase com certeza por sugestão de Aguiar y Seijas, que acabava de ocupar o arcebispado. Vieira faz referência, com grande satisfação, a esta homenagem, em carta ao Marquês de Gouveia de 14 de Junho de 1683 (Vieira 1971: 482-490). Em 1685, publicou-se, também no México, o *Heráclito defendido*, de Vieira (Vieira 1685). Segundo Octavio Paz: «Atacar a Vieira era atacar de refilón a Aguiar. También era enfrentarse a influyentes jesuitas amigos del arzobispo». (Paz 1982: 525)

Há ainda outro tema de interesse relacionado com a *Carta Atenagórica* e o padre Guerra: Robert Ricard (1951: 61-87) informa que consultou a famosa *Apología de Soror Margarida Ignacia* num tomo facsimilado da Biblioteca Nacional de Lisboa (R.1.273). Este tomo traz no dorso da encadernação o seguinte: *Vieyra. Collecç. De varios papeis; entre outros, contem Voz sagrada, política, rhetorica e metrica ou suplemento as vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria de Pade Antonio Vieira, etc.*,¹¹ Ricard cita um nota, na página 210 da *Voz sagrada*, a qual introduz o texto em língua espanhola da *Crisis*, isto é da *Carta Atenagórica*:

Ao sermao do Mandato, que o P. Antonio Vieira prégou na Capella Real no anno de 1640, e he o XL na setima Parte dos seus Sermoens, fez a Madre Soror Joanna Ignez da Cruz, profesa no Mosteiro de S. Jeronymo da Cidade de Mexico, a seguinte Crisi: ainda que parece mais versimel, que esta Crisi não seja fruto das applicaçoes desta religiosa penna; antes sim do P. M. Guerra, que por alguma implicancia, que teve com o nosso Vieira quis cobrir com capa alheya, o que se não atrevera a fazer com a propria, talvez receando que em pouco tempo visse malogrado o seu trabalho em desbono da sua opiniao. A esta Crisi se deu resposta em Portugal em nome de outra Religiosa, que por correr já impressa em volume separado, se não repete nesta Collecçao.

¹¹ *Voz sagrada, política, rhetorica e metrica ou suplemento as vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria de Pade Antonio Vieira* oferecida ao senhor doutor Joseph de Lima Pinheiro e Aragamec., Lisboa, Na Officina de Francisco Luis Ameno, Impressor de Congregaçao Cameraria da S. Igreja de Lisboa. MDCCXLVIII.

A *Apologia* a favor de Vieira que em Portugal se deu como resposta à *Carta Atenagórica* é já conhecida pelos especialistas: obra assinada por Soror Margarida Ignacia¹², publicada muitos anos depois da morte de Sor Juana, em Lisboa, em 1727. Como é sabido também, esta apologia diz ser da autoria de uma *religiosa de Sto Agostinho no Convento de Santa Mónica de Lisboa oriental*, embora o verdadeiro autor fosse o irmão da freira, Luís Gonçalves Pinheiro, que faz uma grande defesa de Vieira e um feroz ataque a Sor Juana.

A surpreendente atribuição da autoria da *Carta Atenagórica* ao Padre Manuel de Guerra y Ribera, coisa totalmente inesperada e até agora inexplicável, poderia talvez ajudar a entender, no futuro, as quintilhas com as quais acaba a *Carta de Sor Serafina*.

Até agora tem-se querido identificar o «Soldado» com o jesuíta Padre Nuñez Miranda, mas também com o poder da Companhia de Jesus no México, representado por Aguiar y Seijas, como «soldado de Cristo». Mas não se pode chamar «soldado» também àquele que «vai à guerra», isto é, a quem compartilhe com o padre trinitário Manuel de Guerra y Ribera a sua crítica a Vieira e com ela à Companhia de Jesus? Parece que Sor Serafina de Cristo o quer dar a entender desta forma.

Vamos ler parte das quintilhas com que acaba a *Carta de Sor Serafina de Cristo*:

[...] estas negras quintillas. Puede ser que sirvan siquiera de pizto en la flaqueza que en el dicho soldado se ha descubierto. Y no más. A Dios.

Guerra que de Juicio hubiera
Hizo en Madrid un profundo
Grave examen porque Vieira
A grande juicio del Mundo
Lo que a su juicio debiera

En cosa de juicio es buena
Razón que sonara al fin

¹²*Apologia a favor de R. P. A. Vieyra da Companhia de Iesu da provincia de Portugal, Porque se desvanece e convence o Tratado que com o nome de Crisis (sobre un sermón) escreveu contra elle a Reverenda Senhora D. Ioanna Ignes da Cruz... Escrevem-a am. Sor Margarida Ignacia, religiosa de Sto Agostinho no Convento de Santa Mónica de Lisboa oriental, que a consagra e dedica ao muyto reverendo Provinciale, e mais religiosos da Companhia de Iesu da Provincia de Portugal, Lisboa Occidental. Na Officina de Bernardo da Costa, Anno de 1727.*

En señal de juicio llena
 Por todo el mundo el clarín
 De S. Gerónimo suena.
 [...]
 Oyó la guerra un soldado
 Y como de juicio fuera
 Por razón sólo de estado
 En Juicio, como debiera
 Con todo su juicio ha entrado.

Sacó la cara, más no,
 Que no hay razón que aparezca
 En el juicio se metió
 Tal que así sólo parezca
 Que se *Athenagórico*.
 [...]
 Si confuso caracol
 Es lo dicho, Madre Cruz
 Aplíquese su arrebol
 Que yo no lo saco a luz
 Sino que lo saco al sol

Al fuego así se ilumina
 Acrisolando finezas
 De Christo en la Cruz se afina
 Alma, a pesar de tibiezas
Que de Christo Seraphina

A Companhia de Jesus era poderosa no México e a glória de Vieira estendia-se para além de Portugal e do Brasil. Quanta pretensão, por parte de uma freira, era «*irse a la guerra*» deste modo contra uma das mais famosas personalidades da Companhia de Jesus e da Igreja toda! Era, pois, necessário reduzir a freira ao silêncio, acabar com o escândalo que a *Carta Atenagórica* tinha provocado. Assim o entenderam aqueles que pretenderam silenciá-la.

Vamos terminar com uma das anedoctas famosas de Vieira, citada por João Lúcio de Azevedo:

Preso o Padre António Vieira no Santo Ofício lhe perguntarao os Inquisidores: «Basta Padre que dissestes em hum sermão que os juizos dos homens são mais para temer que os juizos de Deos». Respondeo elle: «Pois se eu disse isso lá fora, que direi agora cá dentro». (Azevedo 1931: 391)

Evidentemente, tanto para Sor Juana como para o padre António Vieira, era mais temido o juízo humano do que o Divino.

Bibliografia

- AA.VV. (1988): AA.VV., *Sor Juana & Vieira. Trescientos Años Después*. Anejo de la revista *Tinta*, México, Department of Spanish and Portuguese, University of California, Santa Bárbara.
- Alatorre e Tenorio (1988): Antonio Alatorre y Marta Lilia Tenorio, *Serafina y Sor Juana*, (con tres apéndices), El Colegio de México, México.
- Alatorre (2005): Antonio Alatorre, "Una *Defensa* del Padre Vieira y un *Discurso* en Defensa de Sor Juana" in *Nueva Revista de Filología Hispánica*, LIII, 2005, nº 1, pp. 67-96.
- Azevedo (1931) João Lúcio Azevedo, *História de António Vieira*, segunda edição, tomo segundo, no apêndice intitulado "A Tradição": "Alguns ditos memoráveis do Padre António Vieira da Companhia de Jesus", Livraria Clássica Editora de A.M. Teixeira & C^a. (Filhos), Lisboa.
- Camarena (1995): Ricardo Camarena, "Ruido con el Santo Oficio: Sor Juana y la censura inquisitorial", Peña, Margarita, comp. *Cuadernos de Sor Juana*, UNAM, México.
- Cruz (1994) Sor Juana Inés de la Cruz, *Enigmas ofrecidos a la casa del Placer*, edición y estudio de Antonio Alatorre, El Colegio de México, México.
- García Lorenzo (1995) Luciano García Lorenzo, "Ideología y moralismo. El padre Manuel de Guerra y Ribera y su *Aprobación* a las comedias de Calderón de la Barca", AA.VV., *Mito y personaje. III y IV jornadas de Teatro*, Ediciones Aldecoa, Burgos, pp. 60-71.
- Guerra y Ribera (1734): "Sermón del Lunes Primero", *Quaresma continua. Oraciones Evangelicas para todos los días que predico & dexo escritas el Rmo. P. M. Fr. Manuel de Guerra y Ribera*, [...] Tomo Primero. Segunda Impression. Em la Imprenta Real, por Joseph Rodriguez Escobar, Em Madrid.
- Martínez López (1997): Enrique Martínez López, "Los monopantos y el estereotipo del jesuita demonizado", AA.VV., *Vieira Escritor*, Edições Cosmos, Lisboa, pp. 203-235.

- Paz (1982): Octavio Paz *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*, Seix Barral, Barcelona.
- Ricard (1951): Robert Ricard, "Antono Vieira y Sor Juana Inés de la Cruz", in *Revista de Indias* 11, num. 43-44 (Enero-Junio 1951): 61-87
- Soria Ortega (1991): Andrés Soria Ortega, *El Maestro Fray Manuel de Guerra y Ribera y la oratoria sagrada de su tiempo*, (1ª ed. 1950), 2ª ed., Universidad de Granada, Granada.
- Vieira (1678): Sermones/ Varios/ Del Padre Antonio/ De Vieira,/ De La Compañia De Iesvs./ Con XVIII Sermones Nuevos, Y Dos Indices,/ uno Doctrinal, y otro de lugares de Escritura./ *Dedicados al Reverendissimo Padre/ Fray Nicolás de Alcocer...* Tomo Tercero./ Año 1678./ Con Privilegio: *En Madrid*. Por Antonio Francisco de Zafra, Criado de su Magestad en su Bolateria. / *Acosta de Gabriel de León, Mercader de Libros*.
- Vieira (1679): «Lista dos sermoes que andão impressos com nome do Author em varias linguas, para que se conheça quaes são propios, legítimos, e quaes alheyos, & suppostos», *Sermoens do P. António Vieira da Companhia de Jesu. Pregador de Sua Alteza. Primeyra Parte. Dedicada ao principe N. S.* Em Lisboa. Na Officina de Ioam da Costa. MDCLXXIX. Com todas as licenças & Privilegio Real.
- Vieira (1685): António Vieira, *Heráclito defendido*, por la Viuda de Rodríguez Lupercio, Mexico.
- Vieira (1952): António Vieira, *Obras Escolhidas*, com prefácios e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, vol. VI, Livraria Sá da Costa, Lisboa, pp. 180-257.
- Vieira (1971): António Vieira. *Cartas III*, Imprensa Nacional, Lisboa, pp. 757-813.
- Vieira (1971): António Vieira, *Cartas II*, Imprensa Nacional, Lisboa, pp. 476-477.